



ENSAIOS EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA OU LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Papers in Portuguese
as a second or foreign language*

Vai Usar Eles ou Não Vai Usá-los?
Uma Pesquisa Sobre os Contextos de
Preferência de Uso dos Pronomes Oblíquos
Da Terceira Pessoa no Âmbito do Português
Para Estrangeiros Hispanofalantes

Oscar Xavier Meléndez Robles

Número 40

Vai usar *eles* ou não vai usá-los? Uma pesquisa sobre os contextos de preferência de uso dos pronomes oblíquos da terceira pessoa no âmbito do português para estrangeiros hispanofalantes

Oscar Xavier Meléndez Robles
oscar.melendez.robles@hotmail.com

Resumo

Esta pesquisa visa descrever e analisar os usos dos pronomes oblíquos da terceira pessoa no discurso oral do cotidiano brasileiro, considerando os contextos discursivos e valores semântico-pragmáticos. Para tal, baseamo-nos no modelo da Gramática Funcional do Discurso, modelo proposto por Hengeveld (2004), que o considera um processo *top-down* (descendente) que parte da intenção do falante para expressão das formas linguísticas, além do contexto discursivo e dos interlocutores. Para a realização desse estudo, falas do programa Altas Horas da Rede Globo e da transcrição de uma acareação (documento público) foram levantadas e/ou transcritas. Os dados apresentados mostram os contextos discursivos e as escolhas feitas pelos interlocutores que vão além das estruturas apontadas pelas gramáticas prescritivas. Os resultados nos permitem entender, também, as dificuldades e/ou desafios que os aprendizes hispanofalantes de PLE/PL2 podem ter na hora de enfrentar e usar os pronomes oblíquos da terceira no português brasileiro.

Palavras chave

Gramática Funcional do Discurso; Português Brasileiro; Espanhol, Português para Estrangeiros (PLE/PL2); Gramática-comparada.

Vai usar eles ou não vai usá-los? A research on the contexts of preference for using third-person object pronouns within the realm of Portuguese as Foreign Language for Spanish-speaking learners.

Abstract

This paper aims to describe and analyze the use of third-person object pronouns in oral discourse of the Brazilian day to day, considering the discursive contexts and semantic-pragmatic values. For this, we base on the Functional Discourse Grammar, the model proposed by Hengeveld (2004), which considers it a top-down process that goes from the speaker's intention to the expression of linguistic forms, apart from the discursive context and interlocutors. For this study, dialogues from the program "Altas Horas" from Rede Globo and from the transcription of a confrontation (public document) were gathered and/or transcribed. The data showed discursive contexts and selections made by the interlocutors, that go beyond the structures traditionally described, proving that situations in which such pronouns are avoided or substituted by other structures. Also, results allow us to understand the difficulties and/or challenges that Spanish-speaking Portuguese as a Second/Foreign Language (PSL/PFL) students may have when facing the use of third-person object pronouns in Brazilian Portuguese.

Keywords

Functional Discourse Grammar; Brazilian Portuguese; Spanish; Portuguese as a Foreign/Second Language; Contrastive Grammar.

1. Introdução

O Espanhol e o Português Brasileiro, apesar de serem línguas muito próximas, apresentam diferenças quanto ao uso das mesmas em situações do dia a dia. Essa falsa semelhança pode trazer para o aprendiz de Português como Língua Estrangeira e/ou Segunda Língua (doravante, PLE/PL2), quanto ao uso (ou não) dos pronomes complemento da terceira pessoa, dificuldades de compreensão de certos enunciados e/ou até fazer transferências sintáticas (traduções literais) na hora de se comunicar em português. Além disso, há, em geral, uma falta da descrição dos contextos em que tais pronomes são usados pelos brasileiros nos livros didáticos disponíveis no mercado.

Acreditamos que esta pesquisa justifica-se em razão da importância de um estudo sobre os diferentes contextos discursivos em que os brasileiros preferem (ou não) usar os pronomes oblíquos da terceira pessoa, podendo contribuir, de fato, para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos hispanofalantes quanto às escolhas linguísticas que podem fazer na hora de se comunicar em português, considerando as falsas semelhanças que eles podem estabelecer entre as línguas próximas, e acabar fazendo uma transferência das normas de sua língua materna para a língua alvo de estudo. Além disso, a aquisição desse conhecimento poderá contribuir com o desenvolvimento de sua competência comunicativa no Português Brasileiro.

Ensinar português é um desafio constante, pois o comportamento linguístico dos falantes no Brasil é muito variado e é influenciado por muitos fatores relacionados a questões sociais, pragmáticas, cognitivas, contextuais, entre outros. Portanto, é importante que o aprendiz esteja ciente de tais flutuações da língua em contextos reais de uso (cotidiano) para que consiga se comunicar de maneira eficiente nos mais diversos contextos discursivos. Portanto, este trabalho tem como objetivo descrever e analisar situações ou contextos em que os brasileiros usam ou substituem o uso dos pronomes oblíquos da terceira pessoa e apresentar caminhos que podem indicar como é feita tal escolha linguística. Além disso, fazer uma análise comparativa com o espanhol devido à falsa semelhança que ambas as línguas apresentam e fornecer subsídios para os professores de PLE/PL2 para elaboração de material didático, no quesito pronome oblíquos, que trabalhem com turmas de alunos hispanofalantes.

Como referencial teórico, utilizaremos as noções da Gramática Funcional e, de maneira mais específica, a Gramática Funcional do Discurso, proposta por Hengeveld,

para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Finalmente, para a realização do estudo, será feito um levantamento e/ou transcrição de falas de um programa de televisão de entrevistas e de uma acareação (documento público).

2. Fundamentação Teórica

2.1 Abordagem funcionalista

Como o objetivo deste trabalho é analisar os diferentes contextos em que o brasileiro usa (ou não) os pronomes oblíquos da terceira pessoa, faz-se necessária a revisão de um modelo teórico que analise não só a língua em uso — e seu caráter instável — mas também os interlocutores, o propósito comunicativo e o contexto discursivo. Isto é, utilizaremos os conceitos da Gramática Funcional do Discurso proposta por Hengeveld (2004) que é um modelo desenvolvido a partir da Gramática Funcional de Dik (1989).

Santos (2014) menciona que, segundo Castilho (2012:66), o funcionalismo considera a língua como um fenômeno heterogêneo, como uma atividade social, por meio da qual veiculamos as informações, externamos nossos sentimentos e agimos sobre o outro. Assim concebida, a língua é um somatório de usos concretos, historicamente situados, que envolve sempre um locutor e um interlocutor localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico previamente negociado.

Portanto, podemos dizer que os falantes realizam suas escolhas linguísticas em uma situação determinada, levando em consideração os propósitos na hora de comunicar algo. Isto é, a língua é considerada como uma ferramenta de interação social e a sua análise deve estar focada na maneira como os falantes se comunicam eficientemente. Por isso, é importante descrever tais escolhas no âmbito do uso real da língua, pois a língua se reproduz em situações com carga intersubjetiva que irão nortear o discurso, as escolhas para sua produção e os possíveis significados que irá produzir.

Ao considerar a língua como uma atividade social, o funcionalismo apresenta reflexões sobre o que significa “função” da linguagem. Destacamos a definição de Halliday para quem o termo refere-se ao papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo a muitos tipos universais de demanda (Halliday *apud* Neves, 2018:21).

Halliday (1970 *apud* Neves, 2018:25-26) propõe três funções (ou metafunções) da

linguagem: i) ideacional, em que o falante e o ouvinte incorporam e organizam na língua as informações e experiências que eles têm do mundo real; ii) interpessoal, em que o falante usa a língua como meio para participar do evento de fala; e iii) textual, relacionada com a criação do texto. Segundo Neves (1994), o discurso se torna possível porque o emissor pode produzir um texto, e o ouvinte ou leitor pode reconhecê-lo, e para tal produção e reconhecimento, é preciso considerar a estrutura interna do texto, o significado da mensagem que ele carrega e a relação desta com o contexto em que surge.

Santos (2014), por sua vez, Simon Dik (1997a, 1997b) entende que o enunciado, sob o olhar da Gramática Funcional, se estrutura em dois níveis: i) o interpessoal (pragmático), em que o enunciatário reconhece a situação a que se faz referência, e ii) o representacional (semântico) em que o enunciatário reconhece a intenção comunicativa do enunciador.

Portanto, a seguir, faremos algumas considerações sobre o modelo da Gramática Funcional proposto por Dik (1989) e seu objetivo. Além disso, destacaremos a importância do surgimento da Gramática Funcional do Discurso (Hengeveld, 2004) como uma extensão da Gramática Funcional para descrever e entender a interação verbal nos mais diversos contextos discursivos.

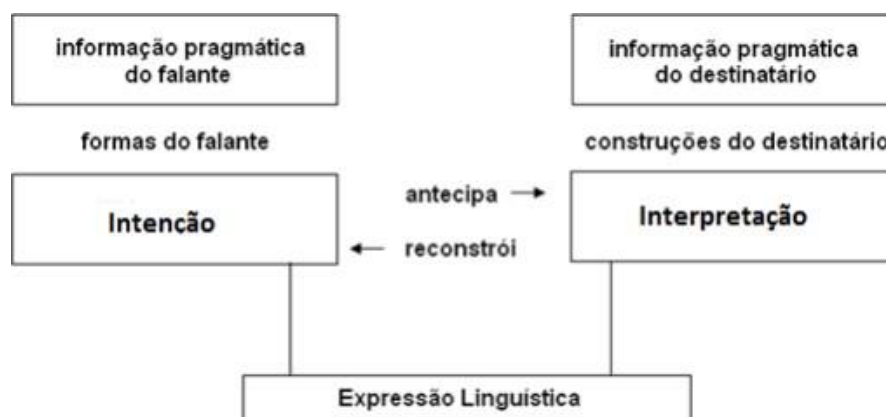
2.2 A Gramática Funcional

Segundo Castilho (2012:68), a Gramática Funcional procura correlacionar as classes, as relações e as funções com as situações sociais concretas em que elas foram geradas. Para situar a língua em seu contexto social, ela ultrapassa o limite da sentença e avança na análise de textos extensos. A língua é, portanto, um instrumento que os falantes manipulam e, com ela, pretendem conseguir certos objetivos em determinadas situações comunicativas.

Assim, a pragmática se torna o eixo central a partir do qual a semântica e a sintaxe são analisadas. Dessa maneira, a Gramática Funcional visa descrever como a linguagem é utilizada na interação verbal e os requisitos pragmáticos envolvidos nela. Portanto, a interação verbal é vista como uma forma de atividade cooperativa, estruturada em torno de regras sociais, normas e convenções. As expressões linguísticas utilizadas nessa atividade são também sistemáticas e estruturadas (Santos 2014:56).

Dessa maneira, a Gramática Funcional tem por objetivo explicar como a intenção do falante se reflete nas diversas estruturas que ele opta por usar em um determinado

contexto comunicativo. Dik (1997) propõe justamente um modelo de interação verbal em que leva em consideração a intenção do falante.



Modelo de interação verbal Dik (1989) em Santos (2014)

No modelo, podemos perceber que, para que uma expressão linguística ocorra, devemos considerar a informação pragmática do falante, a intenção dele e os pressupostos que ele tem sobre a informação pragmática que está disponível para o ouvinte. Já o ouvinte fará a interpretação com base na própria expressão linguística, na informação pragmática que ele tem e no pressuposto que ele possui da intenção do falante.

Sendo assim, Dik (1989) considera que as escolhas linguísticas durante um ato comunicacional estão ligadas ao papel que assumem na interação verbal e aos propósitos de seus atos de fala.

2.3 A Gramática Funcional do Discurso (GFD)

Por outro lado, com o intuito de expandir o escopo da análise da Gramática Funcional, Hengeveld (2004) propõe o modelo da Gramática Funcional do Discurso, que visa ser uma expansão de uma gramática da frase para uma gramática do discurso por duas razões: i) por existirem muitos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados em termos de unidades maiores, em comparação com a frase individual (formas verbais, partículas narrativas etc.); e ii) por existirem muitas expressões linguísticas que são menores do que a frase individual (Parabéns!, Olá!. etc.) (Hengeveld *apud* Neves, 2018:105).

Sendo assim, Santos (2014:64) ressalta que a Gramática Funcional do Discurso visa ser um modelo de estrutura da língua que explica o fato de ela ser um instrumento usado pelo falante para engajar-se em uma interação verbal com um outro em determinado contexto discursivo.

Tal modelo apresenta, então, uma arquitetura modular denominada *top-down* (organização descendente), isto é, do discurso para a gramática e da gramática para a expressão linguística, constituída de três componentes: conceitual (intenção comunicativa), contextual (situação) e o de saída (expressões ortográficas ou acústicas). O componente gramatical está conectado a estes três componentes.

Segundo Pezatti (2010), a intenção do falante surge em um contexto comunicativo multifacetado, e o componente contextual é uma dessas facetas. A intenção do falante não surge em um *vacuum*, mas sim em um multifacetado contexto comunicativo. Uma dessas facetas constitui o Componente Contextual, que contém dois tipos de informação:

- (1) a informação imediata (de curto prazo) recebida do Componente Gramatical relativa a um enunciado particular que é relevante para a forma que os enunciados subsequentes assumem;
- (2) informações de longo prazo sobre a interação corrente que é relevante para as distinções que são requeridas na língua em uso e que influenciam a formulação e a codificação nesta língua.

Ainda segundo ele, a GDF admite que fatores relativos a questões de gênero, registro, estilo, entre outros, são aspectos do contexto de interação que podem ter impactos sobre as escolhas linguísticas do falante. O que está por trás desta visão é que incluir os vários aspectos do contexto em um modelo de estrutura de língua retira do modelo seu poder preditivo. Assim, somente quando o contexto tem um impacto sistemático sobre as escolhas gramaticais disponíveis para o falante na formulação é que esses aspectos merecem explicação.

Ainda Pezzati (2012) diz que, em português, informação vinda do contexto situacional, tal como a diferença de gênero (sexo) e a de relação social, é relevante para a codificação. Se analisarmos a frase: “O senhor está nervoso?”, observamos dois aspectos: i) a escolha que falantes fazem entre “o senhor/a senhora” e “você”, que refletem o grau de proximidade entre os falantes (formalidade); e ii) a escolha de nervoso (e não nervosa) e de senhor (e não de senhora) que sinaliza o gênero (sexo) do destinatário. Tanto a relação social quanto o gênero são especificações do componente contextual que são refletidos na gramática do português.

Por sua vez, o componente conceitual, mencionado anteriormente, representa a grande contribuição da GDF no modelo de gramática (Souza 2008:16), pois é a força

motriz que está por trás do componente gramatical.

Portanto, o processo descrito como top-down (descendente) parte da intenção do falante em um determinado contexto para a formulação da expressão linguística. Isto é, antes de realizar o ato discursivo, o falante decide seu propósito comunicativo (sua intenção).

Levando em consideração tal organização, Santana (2010) afirma que a GFD postula a necessidade de uma gramática organizada em quatro níveis: nível interpessoal e representacional, associados às operações de formulação, e os níveis estrutural e fonológico, associados às operações de codificação. O nível interpessoal (pragmático) e representacional (semântico) descrevem a língua em relação a suas funções e significados. Já o nível estrutural analisa as unidades linguísticas em termos de seus constituintes linguísticos. Por sua vez, o nível fonológico analisa a expressão linguística quanto às unidades fonológicas que contém (Coelho, 2014).

Trata-se então de uma organização em que a pragmática governa a semântica, a pragmática e a semântica governam a morfossintaxe, e a semântica e a morfossintaxe governam a fonologia. Cada um dos níveis é estruturado de uma maneira e estão dispostos em camadas, sendo organizados hierarquicamente. Quanto mais se desce no modelo, mais os níveis se tornam específicos de uma língua (Neves, 2018:107).

Neste trabalho, utilizaremos os níveis interpessoal e representacional, pois o primeiro representa a unidade linguística em termos de função comunicativa e o último representa a unidade linguística em termos de categoria semântica. Essas escolhas foram feitas porque entendemos que essas categorias, no que diz respeito à abordagem dos pronomes oblíquos de terceira pessoa no ensino de PLE/PL2, podem fornecer informações que nos ajudam a entender os motivos ou critérios de uso ou omissão de tais pronomes por parte dos interlocutores, assim como a forma como o interlocutor entende a situação ou contexto a que ele está se referindo.

3. Metodologia

Para a realização desse estudo, fizemos um levantamento das falas extraídas do programa Altas Horas da Rede Globo transmitido no dia 27/03/2021 e da transcrição de uma acareação (documento público) com os envolvidos no caso Odebrecht. Ressalta-se que optou-se por essa fonte de coleta de dados por ela apresentar enunciados que representam a fala cotidiana da realidade comunicativa do brasileiro tanto em situações

de formalidade como de informalidade.

Foram escolhidos oito (8) trechos em que ocorria ou não o uso dos pronomes oblíquos da terceira pessoa: *o, a, os, as, -lo, -la, lhe*. O programa(vídeo) e o texto estão disponíveis nos seguintes links: https://www.youtube.com/watch?v=Oa_e60UGsJA&t=3528s (Acesso em 21/05/2022); e <https://static.poder360.com.br/2017/04/acareacoes-tse-odebrecht.pdf>. (Acesso em 28/05/2022). Tais trechos foram identificados com as letras **a-h** e aparecem classificados em dois contextos denominados **Contexto/Situação: Bate-papo (Programa Altas Horas)** e **Contexto/Situação: Acareação (por videoconferência)**, seguidos da transcrição. Por exemplo:

Contexto/Situação: Bate-papo (Programa Altas Horas)

- (e) **Serginho:** Pessoal, uma surpresa! Daqui a pouco, a Sasha não está sabendo, mas no próximo intervalo a Xuxa vai entrar aqui de surpresa. E tem outra coisa, a Xuxa faz aniversário hoje, então, no próximo vamos colocar **ela** aqui, tá bom?

A transcrição dos trechos do vídeo do programa Altas Horas foi feita de maneira livre, isto é, não seguimos nenhum critério formal para tal trabalho, pois queremos apenas identificar e, depois, descrever a ocorrência e uso dos pronomes acima mencionados. Para tal, os pronomes (oblíquos/tônico) aparecem destacados em **negrito**. Quanto à acareação, os trechos foram retirados da transcrição fornecida pelo Superior Tribunal de Justiça do Poder Judiciário.

É interessante observar como certos empregos dos pronomes oblíquos ou modo de construção de referência (OD ou OI), vetados ou não registrados pelas gramáticas normativas, ocorrem (ou não) com frequência entre os usuários da língua.

Para alcançar os objetivos propostos, contamos com o apoio teórico da Gramática Funcional dos Discurso, modelo proposto por Hengeveld (2004), a partir da Gramática Funcional proposta por Dik (1989).

Com base na fundamentação teórica escolhida para essa pesquisa, o emprego dos pronomes oblíquos foi analisado sob os seguintes critérios:

- (a) Uso do pronome oblíquo (próclise/ênclise) e uso do pronome tônico.
- (b) Situação/Contexto discursivo

Para esses aspectos de análise, buscamos descrever a preferência dos falantes pelo

uso (ou não uso) dos pronomes oblíquos átonos da terceira pessoa em contextos comunicativos formais e informais.

4. Análise de dados

Para a análise dos dados, restringimo-nos ao uso (ou não uso) dos pronomes oblíquos átonos da terceira pessoa do singular e plural: *o, os, a, as* e seus alomorfes, *lhe(s)*. Dessa maneira, nas subseções, a seguir, descrevemos e analisamos os contextos/situações comunicativos em que foram utilizados os pronomes e em quais não, segundo as seguintes categorias: (i) *uso do pronome oblíquo átono (próclise/ênclise)* e (ii) *uso do pronome tônico*.

Consideramos importante mostrar para o aluno hispanofalante de PLE/PL2 as diversas formas de uso dos pronomes oblíquos da terceira pessoa e contextos em que os falantes os utilizam, pois eles estarão expostos a diversas situações comunicativas em que o falante nativo poderia servir-se das estratégias comunicativas apresentadas ou em que o aluno estrangeiro possa utilizá-las de maneira adequada.

4.1 Uso do pronome oblíquo átono

As Gramáticas Normativas de Cunha e Cintra (2016), Bechara (2019) e Rocha Lima (2011) enfatizam na colocação pronominal dos pronomes átonos de terceira pessoa, seja antes (próclise) ou depois (ênclise do verbo). Em princípio, parece-nos que essa colocação ou ocorrência de pronomes se deve à formalidade, porém, verificou-se em nossos dados que tais pronomes são utilizados em um contexto de bate-papo. Vejamos:

Contexto/Situação: Bate-papo (Programa Altas Horas)

(a) **Serginho:** Você olhando pra frente, pra trás, pro lado...que reflexão você faz no dia de teu aniversário?

Xuxa: [...] Olha, Serginho, eu nunca fui chegada em aniversário, nunca fui chegada a datas, a casamentos, aniversário, comemorações, assim, tipo, até Natal, que as pessoas gostam muito. A minha mãe sempre gostou muito de Natal, porque eu acho assim, ter a obrigação de você comemorar ou falar feliz aniversário só no dia que você nasceu, ou feliz Natal só no Natal, eu acho uma coisa meio esquisita.

Eu gosto pra frente, pra trás, com todos os anos que eu aprendi, que eu vivi, que eu passei, na minha opinião eu tenho um divisor de águas: antes da Sasha nascer e depois da Sasha nascer. Essa sim é uma data que eu não quero esquecer nunca. Não são os aniversários assim? O que eu me transformei, o que eu virei, o que eu sou hoje, depois que a Sasha nasceu. Eu antes, eu era uma pessoa que tava meio que deixa a vida me levar, sabe? Deixa vai indo, vai seguindo. Eu hoje não. Eu quero ser uma pessoa melhor pra ela. Eu penso muito o que eu vou fazer, o que é que eu vou falar para não decepçona-la. O meu maior desejo é vê-la feliz pra sempre.

[...]

- (b) **Xuxa:** Eu devo ter sido filha dela em outras vidas. Eu devo ter sido mãe dela em outras vidas, também, porque esse amor não pode ser só de uma vida. Eu amo assim, demais. Se você me perguntar? Aí, teus aniversários antes, agora depois, eu só consigo ver que tenho o maior presente do mundo, que é a Sasha. Falo isso de boca cheia, não é, não aumenta. Ela sabe disso...quanto eu a amo.

Contexto/Situação: Acareação (por videoconferência)

- (c) **Ministro** — Aqui fica muito claro aquilo que eu disse no início, que não se trata propriamente de inverdades de ninguém. É simplesmente de percepções localizadas. O Sr. Marcelo tinha uma percepção daquilo que estava sob seu domínio imediato. O Sr. Benedicto tinha uma percepção daquilo que estava sob seu domínio, sob seu conhecimento. Eu queria fazer umas poucas perguntas, mas antes agradecer a presença da Dra. Juliana Fonseca de Azevedo, que deve estar aí com o Dr. Marcelo. Não sei se está.

Depoente (Marcelo Odebrecht) — É Dra. Joana.

Ministro — Ah, Dra. Joana. Então, seja muito bem-vinda. Eu não a saudei no momento oportuno, porque não havia visto.

Advogada (Joana Fonseca de Azevedo) — Obrigada, Ministro.

- (d) **Advogado (José Eduardo Alckmin)** — A segunda dúvida que eu tenho, e confesso que talvez seja uma questão para os três, é a seguinte: foi falado aqui, pelo Sr. Hilberto, que 20 (vinte) milhões de reais teriam sido destinados à

Senhora Mônica Moura. Mas também foi dito aqui, me lembro de o Sr. Alexandrino ter dito isso, que o dinheiro dos partidos que foi estimado em torno de 27 (vinte e sete) milhões teria sido exclusivamente com dinheiro de Caixa 2. Gostaria de ouvi-los, porque se fala em gasto de 40 milhões no total, mas 20 (vinte) milhões com 27 (vinte e sete) milhões daria um excesso de 7 (sete) milhões. Só gostaria de esclarecer esse ponto.

Depoente (Hilberto Mascarenhas) — Permita-me, Excelência. Marcelo, permita-me. Como eu disse quando fiz meu depoimento aí em Brasília, eu não sabia para quem ia o recurso. Eu recebia uma solicitação através de codinomes. Então, se Alexandrino fez a afirmativa de que ele solicitou recursos para a campanha, ele pode confirmar isso, eu não posso, porque eu não sei para que ia o recurso. Não sei se ficou claro. Eu atendia a solicitação através de codinomes, eu não sei quem eram as pessoas. E atendia as solicitações para campanhas, empresariais e outras solicitações. Então, não posso **lhe** confirmar quanto o Alexandrino me pediu e se pediu.

Em (a) e (b), observamos que o interlocutor faz uso dos pronomes oblíquos átonos da terceira pessoa tal e como estabelece a gramática normativa em dois casos: ênclise e próclise, respectivamente. Apesar de os interlocutores estarem em um ambiente descontraído e informal (programa de bate-papo), um deles faz uso destes pronomes complemento, em ambos os casos, fazendo referência a uma pessoa antes mencionada (objeto direto).

Por outro lado, em (c) e (d), uma situação mais formal, revelada pelo uso de certas estruturas formais por parte dos interlocutores, verifica-se também o uso destes pronomes fazendo referência tanto ao objeto direto (c) e (d), quanto ao objeto indireto (d).

Temos, então, o uso dos pronomes oblíquos como referência aos objetos direto e indireto, operando, portanto, no nível representacional, mas também com uma função subjetiva, isto é, a escolha de uso se deve uma estratégia comunicativa: usá-los por considerar a situação apropriada para a ocorrência (seja formal ou informal), operando, portanto, segundo Santana (2010), no nível interpessoal.

4.2 Uso do pronome oblíquo tônico

As Gramáticas Descritivas, Neves (2011) e Castilho (2014) mencionam o uso dos

pronomes tônicos ELE/ELA por parte dos falantes. Segundo a primeira autora, os pronomes tônicos, em substituição aos pronomes oblíquos, são utilizados especialmente na linguagem falada e aparecem na conversação quando a posição deles deve ser tônica. Já Duarte (1989; apud Castilho, 2014) acrescenta que os falantes tendem a utilizar o pronome ELE/ELA quando fazem uso de estruturas sentenciais complexas [S + V + OD + predicativo].

Contexto/Situação: Bate-papo (Programa Altas Horas)

(e) **Serginho:** Pessoal, uma surpresa! Daqui a pouco, a Sasha não está sabendo, mas no próximo intervalo a Xuxa vai entrar aqui de surpresa. E tem outra coisa, a Xuxa faz aniversário hoje, então, no próximo vamos colocar **ela** aqui, tá bom?

(f) **Serginho:** E esse dia, foi um dia...alguém se manifestou?

Sasha: Foi

Serginho: Alguém deu o primeiro passo?

Sasha: Ele que falou. E eu nunca tinha visto **ele** gaguejar antes na minha vida, porque quando ele fala, ele fala muito bem [...]

Contexto/Situação: Acareação (por videoconferência)

(g) **Ministro** – Agora, esse saldo, apenas para ficar claro, integrava os 150 milhões, ou não?

Depoente (Marcelo Odebrecht) — Não. Esse saldo não estava. Mas o que aconteceu? A partir de 2011, foi por isso que eu mantive internamente as duas contas, só tinha a conta Italiano. A conta Italiano chegou em 2011 e eu dividi **ela** em três sub saldos: um, era gerido por Palocci, que ele pedia ainda era um valor mínimo. Tinha um que era gerido por Palocci para...é uma conta aí, como não vem ao caso, talvez... aqui...

(h) **Advogado (Flávio Croce Caetano)** — Continuando, o Sr. Hilberto Silva falou a respeito de um e-mail do Sr. Marcelo Odebrecht para ele referente a agosto de 2014. Esse e-mail era para fazer pagamentos a Mônica Moura?

Depoente (Hilberto Silva) — Perfeitamente. Era um e-mail onde ele me pedia

que eu entrasse em contato com Dona Mônica para avisar **ela** que tinha um novo crédito de R\$ 20.000.000,00 (vinte milhões) para ela. Esse e-mail existe.

Em (e) e (f), observamos, de fato, duas situações de conversa descontraída. Em (e), o interlocutor está falando com a câmera, com a sua teleaudiência, simulando uma conversação. Em (f), o mesmo interlocutor tem uma conversa com a convidada. Em ambos os trechos observamos os usos dos pronomes tônicos.

Por outro lado, em (g) e (h), observa-se, mais uma vez, uma situação formal de perguntas e respostas feitas diante de ministros, advogados e réus. Apesar da formalidade do evento, as respostas contêm o uso dos pronomes mencionados anteriormente, contrariamente ao que se esperaria neste tipo de situações, segundo as gramáticas normativas revisadas.

Observamos, portanto, uma clara preferência de uso dos pronomes oblíquos tônicos, fazendo referência aos objetos diretos por conterem um traço/animado (Duarte, 1989 apud Castilho, 2014) e pelo uso de certas estruturas e verbos, operando, nesse caso, no nível representacional. Porém, eles também operam, segundo Santana (2010), no nível interpessoal, pois trata-se de uma escolha feita pelos interlocutores para causar um tom de ênfase no objeto direto referido.

5. Conclusões

Visando uma análise semântica-pragmática dos usos dos pronomes oblíquos da terceira pessoa no português brasileiro, através das amostras conseguimos compreender que o emprego (ou não) de tais pronomes se manifesta de diversas formas na língua, e, muitas vezes, tais manifestações vão além das descritas nas Gramáticas Normativas.

A análise mostra que o emprego dos pronomes oblíquos da terceira pessoa do singular tendem a não ser utilizados em determinados contextos comunicativos, sejam formais ou informais, e tal tendência responde a uma motivação funcional. Podemos dizer que tanto o contexto quanto a intenção do falante tem contribuído para a ocorrência de alternativas ao uso de tais pronomes.

Além dos pronomes oblíquos da terceira pessoa utilizados e apontados nas gramáticas prescritivas: *o, a, os, as, lhe* e seus alomorfes, conferiu-se a presença e uso de outra estratégia de referência ao objeto direto/indireto: uso do pronomeônico.

Ao fazer uma relação entre os usos dos pronomes oblíquos e a outra forma de referência ao objeto direto/indireto (pronomes tônicos) com os níveis de organização da

Gramática Funcional do Discurso, podemos determinar que o emprego de cada uma dessas opções se situa no nível representacional por obedecer a questões e critérios de seleção semântica. Por outro lado, tais escolhas assumem, de vez, funções específicas na língua - expressivas e discursivas -, que as situam no nível interpessoal. Dessa maneira, podemos confirmar que o falante se baseia em questões semântico-pragmáticas na hora de decidir se faz uso ou não dos pronomes oblíquos da terceira pessoa.

No tocante ao ensino de PLE/PL2 para hispanofalantes, os resultados podem ajudar para um melhor entendimento das dificuldades apresentadas por este público específico de aprendizes. Em espanhol, segundo a *Nueva Gramática de la lengua española* (2019), o uso dos pronomes complementos é de caráter obrigatório, isto é, seu uso configura-se necessário nas frases que deles precisarem. O espanhol é uma língua regida justamente por essa gramática proposta pela *Real Academia de la Lengua Española*, portanto, algumas situações e contextos do português brasileiro podem não ser simétricos como é comumente esperado. Um dos casos mais salientes é o caso do objeto indireto. Em espanhol, existe a possibilidade de fazer dupla referência ao tal objeto (*le dije a él*), enquanto no português brasileiro apenas é possível utilizar o pronome *lhe* ou a preposição *para/a* e o pronome tônico, porém nunca os dois juntos (~~eu lhe disse para/a ele~~). Quanto à referência ao objeto direto, apesar da existencia da próclise e da ênclise (*Encuéntralo/Lo encontré*), não se admite o uso dos pronomes tônicos, situações muito frequentes no caso do português do Brasil (*Vi ele ontem/Lo vi ayer/Vi él ayer*).

Portanto, devido ao fato de que os materiais didáticos disponíveis não abordam em detalhe os casos apresentados neste trabalho, é primordial que as aulas de PLE/PL2 para hispanofalantes aconteça sob uma base da descrição do português que dê conta justamente dos elementos situacionais descritivos, das relações entre os interlocutores e funções da línguas que se utilizam no momento da interação comunicativa.

Assim sendo, como sugestão para a elaboração de material didático possível, sugerimos a utilização de material autêntico (textos orais e escritos) no qual aparecem os casos de uso de pronome oblíquo e tônicos para referenciar OD/OI. Podem-se selecionar trechos de programas ao vivo e entrevistas disponíveis na internet ou até mesmo transcrições de situações um pouco mais formais que contenham linguagem do dia a dia. Em seguida, pode-se avaliar o contexto em que ocorrem tais situações, a proximidade dos falantes, o tema de conversa e o propósito da mesma e do uso das estratégias de referência ao objeto direto/indireto. O objetivo dessa proposta pedagógica é evidenciar o quanto é importante mostrar para os estudantes de PLE/PL2 hispanofalantes, em um nível

avançado de aprendizado, que o português brasileiro apresenta um leque de opções relacionadas ao emprego dos pronomes oblíquos da terceira pessoa e que não necessariamente será parecido ou igual a sua língua materna, como geralmente é pensado.

6. Referências bibliográficas

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

DIK, S. C. (1989). *The theory of functional Grammar*. Dordrecht Holland/Providence RI-USA, Foris Publications.

NEVES, M. H. de M. *Gramática funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

_____. *Uma visão geral da gramática funcional*. São Paulo: Alfa, São, 38: 109-127, 1994.

_____. *Gramática de Usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PEZATTI, E. G. *O contexto na gramática discursivo-funcional*. In *Relações entre questões textual-discursivas e expressão morfossintática na gramática discursivo-funcional*. Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, Maringá, 2010. Disponível em http://www.dle.uem.br/funcpar/pezatti_cielli_2010.pdf (Acesso em 13/05/2022)

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva Gramática de la lengua española*. Barcelona: Editorial Planeta, 2019.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2011.

SANTANA, L. *Relações de complementação no português brasileiro: uma perspectiva discursivo-funcional*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/yyvth/pdf/santana-9788579831164.pdf> (Acesso em 14/05/2022)

SANTOS, C. M. *Aquele abraço: descrição dos pronomes demonstrativos*

em contextos de uso no âmbito do português para estrangeiros. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=24867@1>>

SOUZA, E. R. F. *Gramática funcional: da oração rumo ao discurso*. Revista Eletrônica de Linguística, Domínios de Linguagem. Ano 2, n. 1, 2008. Disponível em <http://www.dominiosdelinguagem.org.br> ISSN 1980-5799 (Acesso em 20/05/2022)